



81º ANIVERSÁRIO DA FORÇA NAVAL DO NORDESTE

Leonardo Fontenele de Araújo ^{*1}
Mateus Barbosa Souza ^{*2}

Alocução proferida durante a cerimônia alusiva ao 81º Aniversário de Criação da Força Naval do Nordeste (FNNE), realizada na Sede da Esquadra, em 5 de outubro de 2023.

na foz do Rio da Prata, bem próximo à cidade de Montevidéu. Na Conferência de Havana, em julho de 1940, um compromisso diplomático estabeleceu que um ato de agressão contra uma nação americana seria considerado um atentado contra toda a América. Assim – após o ata-

A 2ª Guerra Mundial foi o maior conflito da história da humanidade, envolvendo nações dos cinco continentes. Suas batalhas terrestres derramaram sangue em solo europeu, asiático e africano; já as batalhas navais e aeronavais afundaram embarcações de guerra, navios mercantes e aeronaves de caça e patrulha em águas do Atlântico, do Pacífico e do Índico. O conflito entre as forças beligerantes levou à morte cerca de cinquenta milhões de pessoas, mutilou quase cem milhões de corpos e afetou diretamente um bilhão de vidas.

Deflagrada a guerra, a Alemanha rapidamente avançou pelo teatro de operações terrestre na Europa Ocidental. Do outro lado do Atlântico, em dezembro de 1939, a Marinha Real britânica afundava o encouraçado alemão *Graf Spee*,



Aspirante Barbosa Souza

que japonês em Pearl Harbor, em dezembro de 1941, e a subsequente declaração de guerra dos Estados Unidos contra o Eixo – o Brasil se solidarizou com os norte-americanos e rompeu as relações diplomáticas com o Eixo, em 1942.

A ruptura diplomática e o incremento da parceria econômica e militar do Brasil com os Estados Unidos demonstraram às forças do Eixo que o governo brasileiro havia escolhido seu lado. Desse modo, em julho de 1942, os submarinos alemães e italianos foram autorizados a intensificar as operações contra os navios mercantes brasileiros e, a partir do mês seguinte, foram desencadeados os mais violentos ataques contra a Marinha Mercante brasileira. Em apenas sete meses, dezenove navios nacionais foram afundados pelos submarinos alemães e italianos, ceifando a vida de centenas de brasileiros, o que gerou expressiva comoção e clamor popular. Em resposta, no dia 22 de agosto de 1942 o Brasil decretou o estado de beligerância e, em 31, estado de guerra contra o Eixo. Estávamos mais uma vez em guerra para defender nosso território, soberania e liberdade.

O desafio era imenso. Nossos meios navais eram reminiscências da Esquadra de 1910. Contávamos com uma força naval com baixa modernização tecnológica e com dimensões limitadas em face da extensão do nosso litoral. Para além, não estávamos preparados para a guerra antissubmarina: não possuíamos sensores adequados, nem o adestramento correlato para o combate. Nossa doutrina antissubmarino era baseada ainda nas operações militares que se desenrolaram na 1ª Guerra Mundial e, assim, desatualizadas em relação ao que se passava, desde 1939, nas águas do Atlântico Norte e Mediterrâneo.

Os objetivos estratégicos dos Aliados extrapolavam o envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e do 1º Grupo de Aviação de Caça para a Itália. Era fundamental que a Marinha do Brasil ingressasse efetivamente na guerra, executando tarefas de defesa costeira, patrulha e controle de área marítima e, principalmente, escolta de comboios para o esforço de guerra na Europa, na África e na Ásia. Assim, coube à Marinha patrulhar o Atlântico Sul, e proteger os comboios de navios mercantes que trafegavam entre o Mar do Caribe e o nosso litoral sul, contra a ação dos submarinos e navios corsários do Eixo.

O Nordeste brasileiro tem funções geoestratégicas, pois permite a projeção de poder ao Atlântico. Assim, houve a instalação de bases aere-



Coroa de Flores oferecida pelo Clube Naval

vais dos Estados Unidos no saliente nordestino – ponto de menor distância entre as Américas e o norte da África – possibilitando a operação de aeronaves que patrulhavam as águas do Atlântico, contribuindo para a eficácia e sucesso dos comboios. É nesse contexto que surge a Força Naval do Nordeste. Criada pelo Aviso nº 1.661, de 5 de outubro de 1942, estava sob as ordens da 4ª Esquadra dos Estados Unidos.

Com o estabelecimento da Força, foi necessário também ampliar o número de organizações militares no Nordeste. Foi criado o Comando Naval do Nordeste, origem do Comando do 3º Distrito Naval; a Base Naval de Natal, o Hospital Naval de Natal e a 3ª Companhia Regional de Fuzileiros Navais de Natal, depois Grupamento de Fuzileiros Navais de Natal. Nesse processo, destacou-se o Almirante Ary Parreiras, designado para Chefe da Comissão de Instalação da Base Naval de Natal. Essas organizações ofereceram a infraestrutura necessária para viabilizar uma série de medidas de segurança, como por exemplo maior controle de acesso às áreas portuárias; diminuição da iluminação urbana nos locais próximos aos portos e fundeadouros para evitar a visualização de possíveis alvos pelos submarinos; e principalmente o estabelecimento de um rígido sistema de comboios para o tráfego mercante.

Sob o comando do Almirante Alfredo Carlos Soares Dutra, a Força Naval do Nordeste foi inicialmente composta pelos Cruzadores “Bahia” e “Rio Grande do Sul”, Corvetas “Carioca”, “Caravelas”, “Camaquã” e “Cabelado” e os Caça-Submarinos “Guaporé” e “Gurupi”. A ela seriam acrescidos o Tênder “Belmonte”, caça-submarinos, contratorpedeiros-de-escolta, contratorpedeiros classe “Marcílio Dias” e submarinos.

A Força Naval concluiu sua missão em 7 de novembro de 1945, ao regressar ao Rio de Janeiro. Sua eficácia contribuiu sobremaneira para



O Presidente de Honra da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Segundo-Tenente Melchisedech, concede ao Presidente do Clube Naval, Almirante Prado Maia, a medalha do Jubileu de 80 anos da FNNE “Almirante de Esquadra Alfredo Carlos Soares Dutra”

a livre circulação nas linhas de navegação do Atlântico Sul, agregando capacidade logística ao esforço geral de guerra aliado.

A Força navegou mais de seiscentas mil milhas marítimas e escoltou 3.164 navios mercantes nacionais e estrangeiros, em mais de 250 comboios de ida e volta. O volume transportado em segurança foi superior a dez milhões de toneladas de suprimentos para os Aliados. Além disso, a Força Naval do Nordeste realizou comboios especiais para transporte das tropas da FEB entre os meses de julho de 1944 e fevereiro de 1945. Também realizou patrulhas oceânicas, com médias de quatrocentas milhas diárias navegadas, entre Recife e a Ilha de Ascensão, no meio do Atlântico Sul. O sacrifício das tripulações foi imenso, a resistência física era superada a cada dia de mar em cruzeiro de guerra e alerta constante, agravado pelo desconforto, em prolongadas ausências e momentos de tensão em face das frequentes ameaças de submarinos.

As perdas brasileiras na guerra no mar somaram mais de trinta navios mercantes, com um total de 982 mortos. Além disso, três navios de guerra brasileiros naufragaram em consequência das fatigantes operações no mar: a Marinha do Brasil perdeu quase quinhentos de seus homens.

Em termos operacionais, a Marinha assimilou novas táticas de combate, em especial aquelas concernentes à guerra antissubmarino. Também incorporou novos meios navais e ampliou

sua capacidade para controlar áreas marítimas. A logística foi valorizada de modo singular, já que pela primeira vez era necessário operar e combater, simultaneamente, em todas as partes do planeta. Toda essa experiência de guerra foi essencial para forjar as futuras gerações de homens do mar. Em termos estratégicos, comprovou-se que o Brasil é ator relevante no cenário internacional e sua posição geoestratégica incide sobre as possibilidades de manutenção das indispensáveis linhas de comunicação marítimas no Atlântico.

Como bem disse o Almirante Jonas Ingram, da Marinha dos Estados Unidos, a Força Naval do Nordeste obteve um dos mais altos graus de eficácia na guerra antissubmarino no mundo, pois o combate aos submarinos alemães e italianos alcançou um índice de sucesso superior a 95%. Nossos militares souberam cumprir sua missão com coragem, determinação e patriotismo.

Este é, sem dúvida, o maior legado da guerra: o exemplo e o espírito de sacrifício daqueles que deixaram seus lares, sob o risco de suas próprias vidas, em defesa da Pátria! Mesmo sem as condições adequadas ao combate antissubmarino, não fugiram de seu juramento e se engajaram com coragem e abnegação! Graças ao seu empenho, o Brasil é uma nação livre e soberana. Sua conduta em face das adversidades é motor de inspiração aos jovens de hoje e do futuro! Se o passado nos honra, o futuro nos pertence!

Tudo pela Pátria! Viva a Marinha! Viva o Brasil! ■

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Armando de Senna (org.). *Introdução à História Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro: SDM, 2006.
- CESAR, William Carmo. *Uma história das guerras navais: o desenvolvimento tecnológico das belonaves e o emprego do poder naval ao longo dos tempos*. Rio de Janeiro: FEMAR, 2013.
- DUARTE, Paulo. *O Nordeste na II Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Record, 1971.
- FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: História e historiografia*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- LEAL NETO, João Ferreira. *A guerra naval na costa nordestina*. Natal: Lucgraf, 2021.
- MASCARENHAS DE MORAES, João Batista. *A FEB pelo seu comandante*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005.
- MCCANN, Frank. *Aliança Brasil-Estados Unidos, 1937-1945*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995.
- SEITENFUS, Ricardo. *O Brasil vai à Guerra: O processo de envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Manole, 2003.

*1 e 2 Aspirantes